

Cláudia Valentina Assumpção Galian  
Edna Maura Zuffi  
Emerson de Pietri  
(Organizadores)

# A FORMAÇÃO DE PROFESSORES SOB NOVOS ÂNGULOS

O PIBID na Universidade de São Paulo (2015-2018)



Os autores autorizam a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Capa: Edna Maura Zuffi

Foto da capa: Cláudia Valentina Assumpção Galian

*Texto em conformidade com as novas regras ortográficas do Acordo da Língua Portuguesa.*

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

---

F723 A formação de professores sob novos ângulos: o PIBID na Universidade de São Paulo (2015-2018). Cláudia Valentina Assumpção Galian; Edna Maura Zuffi; Emerson de Pietri, organizadores. São Paulo: FEUSP, 2019.  
249 p.

Vários autores

ISBN: 978-85-60944-96-5 (E-book)

DOI: 10.11606/9788560944965

1. Formação de professores. 2. Ensino superior - Brasil. 3. PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. 4. Prática de ensino. I. Galian, Cláudia Valentina Assumpção, org. II. Zuffi, Edna Maura, org. III. Pietri, Emerson de org. IV. Título.

CDD 22<sup>a</sup> ed. 371.12

Ficha elaborada por: José Aguinaldo da Silva CRB8<sup>a</sup>: 7532

---

## QUANDO AS BOLSISTAS PIBID DEBATEM E INVESTIGAM SOBRE ANIMAIS E NATUREZA COM CRIANÇAS DE CINCO ANOS

Ana Paula Gomes Meira  
Camila Karolina de Freitas  
Tânia Regina Vizachri  
Emerson Izidoro dos Santos  
Luís Paulo Piassi

### CONTEXTO DO PROJETO

Este capítulo tem como objetivo retratar as contribuições que as bolsistas PIBID trouxeram para a equipe D.I.A.N. em 2016, bem como mostrar o que a participação nesse programa resultou de mudança na vida delas. O projeto do qual as atividades aqui descritas fazem parte é o J.O.A.N.I.N.H.A (Jogar, Observar, Aprender, Narrar: Investigações sobre Natureza, Humanidades e Artes). Nele foram/são desenvolvidas atividades voltadas para:

[...] a observação crítica da natureza e da reflexão sobre relações e práticas sociais, a partir de atividades lúdicas e que propiciem às crianças oportunidades efetivas de intercâmbio sociocultural ao mesmo tempo em que possibilitam o contato com temáticas relacionadas com ciências, humanidades e artes, não como conteúdos escolares e sim como jogos e brincadeiras. (PIASSI, 2013).

Alguns dos resultados da etapa inicial desse projeto foram divulgados por Araújo, Pimentel, Luhmann, Piassi e Santos (2016). Pretendemos dar continuidade a essa divulgação. O projeto J.O.A.N.I.N.H.A. é parte da *Banca da Ciência* (PIASSI; SANTOS; VIEIRA, 2015) que apresenta desde 2009 propostas de difusão científica em ambientes educativos de forma crítica, estabelecendo uma relação entre ciência, arte, mídia e temáticas sociais e éticas, ou seja, abordando o que Pedro Reis (2013, p. 1) chama de questões sociocientíficas e socioambientais controversas. *Banca da Ciência* desdobra-se em 6 equipes, dentro das quais a D.I.A.N. (Debates e Investigações sobre Animais e Natureza) existe há dois anos, desde agosto de 2015. O objetivo de nossa equipe é debater temas como ética interespecies, sustentabilidade e alteridade relacionada aos animais não-humanos. O foco é a discussão sobre o futuro da humanidade a partir de dois eixos temáticos que se conectam: sustentabilidade e ética interespecies.

É um projeto que vincula extensão com pesquisas científicas. Contamos com alunos de graduação, sendo a maioria bolsistas pelo Programa Unificado de Bolsas (PUB), cada um com um projeto de extensão específico de iniciação científica, e outros voluntários, todos advindos dos cursos de graduação em Licenciatura em Ciências da Natureza, Gestão de Políticas Públicas, Têxtil e Moda e Gestão Ambiental da EACH-USP.

As ações nas escolas, conforme previsto no programa PIBID, contam com a supervisão das professoras das turmas envolvidas, bem como com o planejamento conjunto das atividades. Visando promover essa interação conjunta com a escola, temos realizado semanalmente reuniões com as professoras da EMEI, onde cada aluna PIBID do projeto (de cada uma das seis vertentes da *Banca da Ciência*) tem a oportunidade de conversar sobre as atividades realizadas e colher resultados, repassando criticamente com as professoras as atividades e captando desta forma aspectos que devam ser reformulados em uma próxima aplicação. Ao formularmos as atividades, enviamos previamente às professoras para que essas possam intervir alterando algum aspecto, visto que conhecem as limitações das crianças como por exemplo, se determinada atividade pode causar



alergia, ou se um algum assunto que irá ser abordado pode ser delicado para uma criança específica, ou mesmo se o perfil da sala irá aceitar uma roda de conversa no pátio por exemplo. Ao final de cada atividade realizamos o preenchimento de um relatório para avaliarmos a interação das crianças e enviamos às professoras, para que deem seus pareceres e adicionem considerações que não nos foram possíveis captar, como por exemplo, se as crianças continuaram refletindo sobre a atividade após a nossa saída, se comentaram com os pais sobre o tema abordado etc. Estas práticas têm sido fundamentais para nos orientar quanto às próximas atividades a serem aplicadas e quanto a avaliação dos resultados obtidos.

Para elaboração das atividades e discussão teórica temos reuniões semanais na D.I.A.N, nas quais fazemos a pesquisa e a discussão dos temas que serão abordados e sobre a didática. O aprendizado das graduandas ocorre na práxis, durante a elaboração, execução e análise das atividades. O desafio de levar uma temática problematizadora e controversa como a da ética interespecies para crianças de 5 anos é bastante desafiadora para as graduandas e faz com que elas reflitam sobre as suas próprias práticas cotidianas. Para isso, baseamo-nos em Paulo Freire que nos mostrou que apenas reflexão sem ação é vazia de sentido e ação sem reflexão vira mero ativismo. A ação pela ação, que minimiza a reflexão, “nega a práxis verdadeira que impossibilita o diálogo” (FREIRE, 2002). Tanto o ativismo quanto o verbalismo, o blábláblá (que seria o sacrifício da ação, sendo apenas reflexão) geram formas inautênticas de existir e de pensar (FREIRE, 2002, p. 57). Por isso a práxis é tão importante: reflexão na ação e ação na reflexão, movendo a roda do conhecimento. A conscientização só se dá dentro da práxis, e é por isso que o grupo sai do âmbito dos livros e da discussão para o processo de formulação das intervenções. Assim, propomos não apenas a conscientização do educando, mas também do próprio educador. Como disse Freire e Faúndez (1985, p. 46) “a única maneira de ensinar é aprendendo, e essa afirmação valeria tanto para o aluno como para o professor.”

Nas aplicações das atividades adotamos o uso de vídeos, fotos e áudios como coleta de dados, fazendo a transcrição desse material. Posteriormente às atividades, durante as reuniões, preenchemos um relatório coletivamente para não perdermos nenhuma observação e podemos discutir os encaminhamentos.

Camila e Ana Paula, autoras desse artigo, foram as duas bolsistas PIBIDs que participaram do DIAN em 2016. Ambas são do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza que, segundo o site oficial<sup>1</sup> tem como “... objetivo principal [...] formar professores de Ciências para o ensino fundamental em escolas públicas e privadas [...] para compreender a natureza em todos seus aspectos e ensinar a respeito de seu funcionamento”. Abaixo elas descrevem as atividades que eram responsáveis:

## DIREITOS ANIMAIS E INFÂNCIA

Apesar da discussão em torno dos direitos animais ser bastante antiga, é recente a visibilidade e a popularização da temática. O crescimento da discussão nas academias e o surgimento de projetos de proteção aos animais nos mostra a saúde e maturidade desse movimento (BALCOMBE, 1999). Mesmo na Educação Básica têm surgido propostas que discutem a ética interespecies, dentre elas, podemos destacar o projeto *Essa escola é o bicho!*<sup>2</sup>. O referido projeto “desenvolve ações que sensibilizem os alunos e a comunidade escolar acerca dos Direitos, Bem-Estar, Proteção e Guarda Responsável dos animais e também que incentivem e contribuam para os professores e gestores pensarem propostas pedagógicas em suas escolas sobre estes temas.” (MORAIS, 2016, p. 3). No município de Camaçari, Bahia, um projeto de educação humanitária<sup>3</sup>

<sup>1</sup> <<http://www5.each.usp.br/licenciatura-em-ciencias-da-natureza/>> Acesso: 29/09/17.

<sup>2</sup> Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/seda/default.php?p\\_secao=83](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/seda/default.php?p_secao=83)> Acesso 05/10/17

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://www.anda.jor.br/28/08/2015/projeto-usa-veganismo-como-ferramenta-para-conscientizar-jovens-e-criancas>> acesso 17 de fevereiro de 2016.



tem proporcionado um dia inteiro de educação animal para as crianças. Hoje, o projeto é itinerante, levando o educador até as escolas, mas pretende-se que no futuro o educador local anseie ampliar as atividades. Também no Recife (PE), uma escola adotou cães e desenvolveu atividades sobre direitos dos animais e cuidado com a natureza. Segundo os relatos dado à reportagem:

De acordo com a professora de português Juliana Ramos, o relacionamento dos estudantes com os animais mudou o comportamento dos alunos, gerando um processo de humanização, respeito e valorização do próximo. [...] Aluna do 8º ano, Franciny Oliveira, 14 anos, enfatiza que os cachorros tornaram a ida à escola mais divertida, além de melhorarem o convívio de todos na unidade de ensino.<sup>4</sup>

Assim, podemos dizer que tem crescido uma demanda social para que essas questões sejam trabalhadas nas escolas e, até mesmo, uma demanda das próprias escolas, que podem ter seu convívio melhorado com a aprendizagem da temática. Os pesquisadores alemães Binngießer, Wilhelm, Randler (2013) e as pesquisadoras italianas Borgi, Cirulli (2015) concluem em seu artigo que quanto maior a frequência de atividades relacionadas aos animais, maior o desenvolvimento da empatia e sensibilidade com relação a eles. Outra pesquisa realizada por Randler, Hummel e Prokop (2012) também aponta que atividades relacionadas com animais realizadas em escolas podem reduzir medo e desgosto contra animais não populares. Percebemos que esse tipo de discussão inclusive entre aqueles que estão em extinção como as abelhas.

## AS ESCOLAS

Os aspectos gerais que caracterizam a escolha das escolas para as aplicações das atividades no contexto desse projeto se caracterizam por serem escolas públicas, de periferias metropolitanas, próximas aos campi universitários onde já realizamos atividades de pesquisa e extensão.

Na EMEF Tarsila do Amaral as atividades foram realizadas entre Abril e Junho de 2016. Essa é uma escola de ensino infantil (creche e pré-escola) com 11 salas de aula, localizada no bairro dos Pimentas - Guarulhos. Esse bairro conta com 156.748 habitantes segundo o censo de 2010, e o índice de desenvolvimento humano - IDH de 0,733, que está na média se comparado com outras regiões, seu potencial de crescimento é grande por ser um bairro com uma extensão territorial grande, mesmo a população sendo de maioria classe média baixa. O bairro é bem afastado do centro, embora seja o mais populoso, possui cerca de 80 instituições de ensino, contendo uma variedade muito grande na educação.

A EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) está situada no Bairro Jardim Keralux, vizinha à USP Leste, com IDH abaixo da média da cidade<sup>5</sup>. Com relação ao índice de escolaridade, em 2010, a proporção de crianças de 5 a 6 anos da região na escola era de 90,05%, sendo menor que a média do Brasil (91,12%). No mesmo ano, 82,09% da população de 6 a 17 anos da UDH estavam cursando o ensino básico regular com até dois anos de defasagem idade-série. A região, apesar de situar-se no mesmo quarteirão que a USP-Leste, é carente de pavimentação, canalização de córregos e arborização, além de problemas com lixões e grandes enchentes em períodos de precipitações, fato este que nos confirma a importância de tratarmos os assuntos abordados pelo grupo DIAN. Optamos por mudar nossas atividades para essa escola tentando promover maior interação com as crianças nas atividades, bem como para promover maior comunicação com professores acerca das aplicações. A presença da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), uma Instituição que detém o acesso à pesquisa e à produção

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/46,53/2015/06/12/interna\\_pecao,580849/escola-adota-cachorros-e-apresenta-trabalhos-sobre-cuidados-com-os-animais.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/46,53/2015/06/12/interna_pecao,580849/escola-adota-cachorros-e-apresenta-trabalhos-sobre-cuidados-com-os-animais.shtml)>. Acesso em: 17 fev. 2016.

<sup>5</sup> Informação disponível em: <[http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_udh/27641](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_udh/27641)>. Acesso em: 17 maio 2017.

de conhecimento, em uma região de vulnerabilidade ambiental e econômica que é o Jardim Keralux da Zona Leste de São Paulo, não poderia passar despercebida, tendo grande relevância social sua interação com a comunidade local, buscando construir um ciclo de desenvolvimento entre Universidade e sociedade. Neste ponto é imprescindível que haja projetos de extensão a fim de mediar a discussão de temas como os que a *Banca da Ciência* tem abordado.

**Imagem 1.** Carta da abelha zumzum



Fonte: Autoras (2016).

## **AS ATIVIDADES REALIZADAS EM GUARULHOS NO 1º SEMESTRE DE 2016**

Essas atividades foram realizadas com um grupo de 20 crianças com cinco anos da EPG Tarsila do Amaral. Realizando uma sequência didática de três partes em dias diferentes. O objetivo dessa sequência de atividades foi conhecer a vida das abelhas, sua importância como polinizadora, e desenvolver a empatia das crianças por elas. Uma semana antes da primeira atividade, a professora da turma leu uma carta para as crianças, cujo texto dizia que iriam receber uma visita naquela semana de uma abelhinha chamada Zumzum, anexando-a na lousa da classe para que ficasse evidente. E assim deixando-os com maior expectativa na aplicação (Imagem 1).

No dia da atividade, a sala foi dividida em grupos de cinco alunos e iniciou-se com um teatro, onde uma das integrantes estava caracterizada como abelha, as crianças fizeram perguntas: “Você é uma abelha de verdade?”, “Você voa?” entrando no mundo da ludicidade. No decorrer da peça a integrante foi realizando questionamentos com as crianças sobre como o ato de picar da abelha ocorre apenas quando ela se sente ameaçada, mas que ela morre, pois perde seu ferrão, ou seja, parte do seu corpo. Outro ponto discutido no teatro é a divisão de tarefas que ocorrem dentro da colmeia entre as abelhas, a função das operárias, do zangão e da rainha. Houve discussão sobre o néctar que ela pega das flores, a produção do mel, que a princípio as crianças já interferiam dizendo que a abelha se alimentava de mel, desconhecendo o processo de sua produção. Por fim, a intervenção foi encerrada com a questão da polinização, que ocorre quando a abelha pega o néctar da flor e se suja de pólen e ao ir de uma flor a outra realizando esse processo. Quando elas encontram novas flores e voltam para a colmeia e fazem uma “dança” para contar a localização delas.

Após o teatro, cantamos uma música, criada pelo grupo, com as crianças e a “dancinha” das abelhas (Imagem 2). Segue a letra de autoria própria:

“Abelhinha, abelhinha faz zumzumzum,  
Abelhinha, bonitinha vou deixar viver. (2X)  
A abelhinha estava passeando,  
Eu achei que ela queria me picar,  
Quando eu vi que ela estava polinizando,  
Eu percebi que ela queria mesmo é dançar.”

As crianças se divertiram cantando e dançando, aprendendo a letra rapidamente, foi ensinado que quanto mais rápido a abelha se balançava, mais perto o néctar estaria e quanto mais devagar a abelha balançava, mais longe o néctar estava. Após a música e dança, as crianças desenvolveram sua própria abelha com massinha de modelar (Imagem 3).

**Imagem2.** Desenvolvimento Música/Dança



Fonte: autoras (2016).

**Imagem 3.** Produção da abelhinha



Fonte: autoras (2016).

Após a elaboração das abelhas, cada fileira com os cinco alunos foram até as flores, mergulharam as abelhas produzidas nelas, que estavam cheias de glitter representando o pólen (Imagem 4). Depois a levaram até a colmeia para encontrar a família delas (Imagem 5), finalizando com a dancinha para o grupo seguinte, com o objetivo de indicarem onde estariam as flores com o néctar, e assim sucessivamente todos os grupos realizaram este processo, ocorrendo envolvimento entre eles e com a atividade.

**Imagem 4.** Mergulhando a abelha no pólen de glitter



Fonte: autoras (2016).

**Imagem 5.** colmeia no pólen



Fonte: autoras (2016).



Depois ocorreu uma conversa com os alunos sobre o mel, como ele é importante para as abelhas e a possibilidade de escolhermos outros recursos no seu lugar. Sobre o fato das abelhas sugarem refrigerante, sucos, e que não são nutritivos para ela e assim enfraquecendo as abelhas. Um dos comentários das crianças foi “Podemos comer arroz, feijão, chocolate, ao invés de mel”, “a abelha só come mel”. Ao término da atividade o objetivo inicial foi concluído, de ensinar sobre a vida das abelhas e a importância como polinizadora, criando uma simpatia das crianças pelas abelhas.

No segundo dia de atividade, após mais ou menos um mês, a abelha Zumzum retorna à escola com suas quatro ajudantes “abelhudas”, as crianças já estavam bastante animadas e começam a cantar a música da abelhinha. Inicialmente foi realizada uma conversa para levantar o que elas lembravam da primeira intervenção “o que as abelhas comem?”, “as abelhas gostam de picar?”, “Elas produzem mel sozinhas?”, “o que elas precisam para fazer o mel?” entre outras perguntas, e assim foi dada continuidade na atividade. Foram realizados dois jogos com as crianças para verificar se elas lembravam do que foi ensinado na aplicação anterior.

1º Jogo: Dominó Ciclo das Abelhas – O dominó possuía três ciclos, iniciando pelo ovo, larva e finalizando com uma categoria abelha operária, do zangão e da abelha rainha. (Imagem 6).

2º Jogo: Bem e Mal – São dois cenários um verde e outro vermelho, com várias imagens onde elas deverão colocar no quadro vermelho as imagens que representavam coisas que fazem mal as abelhas e no quadro verde colocar as imagens das coisas que fazem bem para as abelhas. (Imagem 7).

**Imagem 6.** Dominó Ciclo abelha



Fonte: autoras (2016).

**Imagem 7.** Jogo do Bem e do Mal



Fonte: autoras (2016).

A sala foi dividida em quatro grupos. Dois destes ficaram com o jogo *dominó do ciclo das abelhas* e os outros dois com o *jogo do bem e do mal*. No jogo de Dominó as crianças deveriam montar separadamente cada ciclo (ciclo abelha, ciclo zangão, ciclo operária). Contudo, como demonstraram um pouco de dificuldade em construir os ciclos separadamente, resolvemos alterar as regras. Dessa maneira auxiliamo-as a montaram os três ciclos de maneira interligada, mostrando o quanto que a vida dos três tipos de abelha se interligam. Eles montavam, depois trocavam as peças, sempre interagindo entre si, e com o jogo. Já com o jogo do Bem e Mal discutiu-se onde deveriam ir as imagens, as crianças tiveram dúvidas do que era a imagem do fumegador e então foi explicado que era uma fumacinha que as pessoas jogavam nas abelhas para deixa-las tontas e pegar o mel, gerando um pouco de incomodo nas crianças, e assim classificaram isto como ruim para as abelhas. O refrigerante, açúcar e sorvete já colocaram no ambiente ruim.

Outro ponto interessante que ocorreu foi um dos grupos colocar as abelhinhas que estavam tristes no quadro de coisas boas, e quando questionadas do porquê, responderam “porque as abelhas estão tristes então elas precisam de coisas que fazem elas ficarem felizes”, demonstrando o interesse

das crianças em ajudar as abelhinhas, desenvolvendo mais empatia a elas. Ainda, no final da atividade, uma das crianças veio dizer que havia encontrado uma abelha, mas não a matou, ela disse: "deixei ela viver".

Exatamente um mês após a segunda intervenção, outra integrante do grupo foi até a escola, caracterizada como abelha, se identificando como prima da Zumzum, a abelha Abelinha. O objetivo foi realizar uma roda de conversa para levantar o que as crianças aprenderam, todas as atividades foram fotografadas e áudios gravados e transcritos, A seguir tabela com algumas perguntas e respostas.

**Tabela 1.** Perguntas e Respostas

<b>Perguntas</b>	<b>Respostas</b>
Do que a abelha se alimenta?	“Néctar”, “mel”
O que a abelha pega na flor?	“Néctar”, “Pólen”
Como ela avisa a sua família onde encontrar as flores?	“Dancinha”
Abelhas gostam de picar?	“Não” Unanime “ela morre se picar”
Como chama a mãe dela?	“Mãe da abelha”, “Rainha”
Como chama o pai dela?	“Não sei”, Zangão”
Podemos comer o mel das abelhas?	“Não” (quase todas) “Sim” (1 criança respondeu sim)
Para o que serve o pólen?	“Para as abelhas ajudarem a flor”, “Para ela comer”
Porque a abelha é importante para a natureza?	“Por que, ela faz o mel”, “Ela ajuda as plantinhas crescerem”

Fonte: autoras.

A partir dessa tabela pode-se perceber que o objetivo de todas as atividades foi cumprido, as crianças conseguiram identificar do que a abelha se alimenta, o que a abelha pega na flor, o porquê ela faz a “dancinha”, que ela não gosta de picar, se não acaba morrendo, a função das abelhas operária, rainha, e zangão, sobre o pólen, e a última pergunta importante como as outras mas acaba sendo a principal, a abelha como algo importante para a natureza, aquela que ajuda a “plantinha a crescer”. Segundo relato da professora da turma (Piassi et al, 2016, p. 556):

[...] após a intervenção, uma aluna comentou que havia visto uma aranha e sua irmã queria matá-la. Ela explicou para a irmã que a aranha não estava fazendo mal para as mesmas, que estava em sua casa e não seria correto machucá-la. Com esta fala percebe-se que, com o desenvolvimento da atividade construiu-se um sentimento de empatia pelos animais por parte das crianças, mesmo os que não foram citados diretamente na intervenção.

## **AS ATIVIDADES REALIZADAS NO 2º SEMESTRE DE 2016 NA EMEI JARDIM KERALUX**

No segundo semestre de 2016, iniciamos as atividades na EMEI Jardim Keralux. Ali buscávamos desenvolver maior proximidade com a comunidade e maior participação das crianças nas atividades. O teatro já fazia parte do grupo, mas ainda havia indagações sobre como poderíamos promover maior interação das crianças para que não caíssem na passividade. Refletindo sobre como

o teatro poderia nos auxiliar nesses propósitos, visto que nessa idade a imaginação e a fantasia estão em sumidade, Ana Paula, a primeira autora desse trabalho, sugeriu adaptarmos a ideia do Teatro do Oprimido. A ideia surgiu quando ela teve contato com a disciplina de Fundamentos da Didática, onde ela ouviu falar pela primeira vez sobre as pedagogias do oprimido e da autonomia abordadas pelo grande mestre e educador Paulo Freire e do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal. A professora utilizou algumas dinâmicas do teatro do oprimido em sala, o que despertou o interesse em se dedicar aos trabalhos dos autores. Após iniciar a disciplina de Psicologia da Educação com a professora e ter contato com as teorias de Vigotski e Jean Piaget, começamos a relacionar como o teatro do oprimido poderia auxiliar na identificação da zona de desenvolvimento proximal das crianças para que assim pudéssemos utilizar o teatro do oprimido como instrumento simbólico a fim de mediar o desenvolvimento e o aprendizado através da troca de experiências, tendo em vista as idades das crianças as quais aplicamos as atividades.

## **O QUE É O TEATRO DO OPRIMIDO?**

O teatro, a novela, os filme ou seriados, habitualmente tendem a imitar ou abeirar o cotidiano das pessoas, instigando seus sonhos, provocando seus medos. Ao assistirmos a trajetória do personagem, empatizamos com a história do protagonista ao ponto de chorarmos e sorriremos com este, sentindo toda a sua história como se esta estivesse de fato ocorrendo conosco. Podemos afirmar que o teatro tem o poder de gerar medos e provocar emoções nos sujeitos que o assistem de forma que eles entrem na história, porém não atuem, não sejam capazes de modifica-la, sendo levados há um final equilibrado (“como deve ser”). Mas e se o espectador fosse também o diretor e ator? E se a vida contada fosse a sua e o teatro fosse um ensaio de sua vida? Este foi um assunto largamente abordado pelo Diretor e autor Augusto Boal, criador do Teatro do Oprimido que foi publicado pela primeira vez em 1977. Boal (1977) retira os muros construídos pela aristocracia, que separam o protagonista e o espectador e devolve aos Oprimidos essa arma poderosa de revolução política e social, que hoje já está presente em cerca de 70 países. Suas técnicas são utilizadas pelas áreas de arte, pedagogia, psicologia, entre outras para promover grandes ações e mudanças na vida de diversas comunidades. No Teatro do Oprimido todos são espectadores e atores, todos podem opinar, havendo máximo de participação e representação coletiva possível. É possível ensaiar a própria vida, a própria opressão e enquanto ensaia, vive e corrige, uma vez que também é o diretor dessa história, e o espetáculo é a ação, a realidade.

Augusto Boal (1977) divide o processo metodológico em quatro etapas, uma vez que não é espontaneamente que o indivíduo irá expressar suas emoções, pois possui limitações, sejam físicas ou psicológicas. Primeira Etapa: Conhecimento do Corpo, constituída por exercícios e jogos que ajudem os indivíduos a retirarem vícios cotidianos físicos e psicológicos que atrapalham sua expressão. Segunda etapa, Tornar o Corpo Expressivo. A Terceira Etapa: Teatro como linguagem, onde há atuação. Quarta Etapa se dá com o Teatro Discurso; nesta última, os “espec-atores” utilizam o teatro para expressar, ensaiar e discutir temas e ações para de fato intervir na realidade. O teatro pode trazer uma experiência real para dentro de um ensaio, onde poderá ser vivido antecipadamente e modificado na realidade. Deste modo já podemos imaginar o quanto é importante para a criança esse ensaio da vida. O Teatro do Oprimido pode ser utilizado como ferramenta pedagógica no processo de maturação e aprendizagem da criança, proporcionando vivências e apresentando novos problemas de forma lúdica, proporcionando dessa forma ferramentas para que as mesmas se sintam capazes de atuar na realidade. O Teatro do Oprimido pode adiantar questões que tenham a ver com o cotidiano das crianças para discutir com elas soluções ou simplesmente para proporcionar situações e vivências desconhecidas.

É importante frisar que só é teatro do oprimido se for feito para ele e com ele, adaptado às suas vivências e necessidades de mudança da realidade opressora que se encontra. Nesse ponto deve se ter em mente que se não houver a liberdade e envolvimento destes para intervir e questionar, não se pode dizer que é do Oprimido. Nas palavras de Boal (1977, p. 25) “Fazer Teatro do Oprimido já



é resultado de uma escolha ética, já significa tomar o partido dos oprimidos. Tentar transformá-lo em mero entretenimento sem consequências seria desconhecê-lo; transforma-lo em arma de opressão, seria traí-lo".

Adaptação do teatro do oprimido com as crianças:

**Imagem 8.** encenação do teatro com as crianças



Fonte: a própria (2016).

Antes de aplicar o teatro com as crianças, havíamos feito as mesmas duas primeiras atividades esboçadas no item anterior para chamar a atenção à respeito da extinção e importância das abelhas para o meio ambiente (atividades apresentadas também nesse capítulo) e discutir se era correto os humanos pegarem mel das abelhas. Embora tenha sido realizada em turma e contexto diferente, foram as mesmas atividades realizadas no 1º semestre de 2016, descritas acima pela Camila. Desta intervenção partiu das crianças a seguinte questão: Não podemos matar as abelhas, devido à sua importância na natureza e por ser um animal que deve ser respeitado, mas e o mosquito da dengue? E como é de praxe do grupo levar assuntos e questões que as próprias crianças trazam, partimos dessa questão trazidas por elas mesmas como tema para a próxima atividade, que visaria uma adaptação do teatro do oprimido. As crianças já haviam escolhido o tema e a história precisava se aproximar o máximo possível de seus cotidianos, para favorecer a interação das mesmas.

Propusemos uma cena simples e procuramos não nos apegarmos muito às regras do texto, pois a intenção era que as crianças se sentissem participantes da história, de forma que a liberdade das mesmas era primordial. A cena consistia em: O pai vem buscar seus dois filhos na escola e pergunta qual foi a atividade escolar desenvolvida naquele dia. A filha descreve exatamente algo que também havia acontecido com as crianças, nesse caso a atividade anterior: "Foi muito legal, hoje a abelhinha zumzumzum foi lá na escola e ela contou pra gente muitas coisas sobre a abelha. Ela falou que sem a abelha agente não teria as flores e as frutas, sabia? Sabe o que que ela falou também? Que a gente não deve matar as abelhas porque se elas virem na gente é só pra se defender". As crianças podiam intervir a qualquer momento na cena, perguntando ou respondendo. O pai pergunta ao outro filho como foi o dia e este responde que a atividade dele foi a respeito do mosquito da dengue, mas cita que sua atividade parecia diferente da atividade da irmã, pois este mosquito fazia muito mal. As crianças interviam dizendo que este mosquito pica e que não é bom deixar lixo e água parada, e os atores concordavam e davam continuidade a cena. No decorrer da interação, o pai exclama uma dúvida: [...] "Não, mas , não mas... peraéé. um...um...um não pode matar, e outro, o outro pode matar é isso que eu entendi? Eu tô com essa dúvida é... é isso mesmo?" (texto extraído da transcrição da atividade).

Começa uma interação maior, pois a cena para, e o desafio é aberto às crianças, elas devem responder para o pai aquilo que algumas delas perguntaram na atividade anterior, assim elas pensam

a respeito, não sendo passivas aos atos dos atores. As crianças relacionaram com a Chicungunha, falaram da água parada, do lixo, respondendo à questão do pai e deixando a solução para a cena final. Foi proposto para as crianças que, agora que o pai já foi respondido, iríamos terminar a historinha. O pai então ressalta na cena final o que aprendeu com as crianças, que não devemos deixar água parada nem lixos e entulhos no quintal repetindo as falas ditas por elas mesmas ressaltando aos filhos na cena que quando chegar irá organizar o quintal. E retoma a questão da importância das abelhas mais uma vez.

A intervenção não realizou o teatro do oprimido estritamente, até porque tivemos que considerar: a idade das crianças; o tempo que tínhamos disponível de intervenção que não favorecia uma preparação para o teatro propriamente; e também a proposta temática que o nosso projeto trazia. Porém, utilizou-se de estratégias inspiradas pela proposta de Boal como: não apresentar uma conclusão pronta e prévia da história, mas permitir que as próprias crianças discutam o tema e elabore suas respostas; ter um conflito no qual as crianças tiveram que decidir o desfecho; os bolsistas de iniciação à docência tiveram espaço para questionar as crianças sobre como terminariam a história, o que fariam para o pai na situação encenada.

Utilizamos dessa forma um tema extraído da dúvida das crianças e levantamos a questão no teatro para que elas mesmas respondessem, de maneira que houve uma troca de conhecimento entre elas para responder a questão e designar o final da cena.

Para que as crianças atuassem no lugar dos atores e de fato improvisassem uma história seria necessário aplicar as etapas desde o começo, para que tivessem a consciência de que poderiam modificar a cena para fazer aquele ensaio real, o que provavelmente seria espontâneo, pois as crianças tendem a praticar facilmente o que aprendem. Não podemos dizer que foi puramente Teatro do Oprimido, pois a história contada não era de fato a das crianças e não foram elas que atuaram, mas foi uma adaptação procurando se extrair o máximo possível de participação das crianças. Temos tentado introduzir o Teatro do Oprimido em outras aplicações e tivemos resultados satisfatórios quanto a participação das crianças e a reflexão dos conteúdos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do desafio de introduzir a discussão da ética interespecies nas escolas com as crianças de 5 anos, as graduandas puderam refletir sobre essas relações no próprio cotidiano delas, algumas vezes chegando até a mudar as suas práticas e aderindo a uma nova filosofia de vida, como a vegana. Conforme relatado pela bolsista Ana Paula, “O contato com o D.I.A.N. também me proporcionou uma profunda auto reflexão crítica sobre minha relação com os animais e meio ambiente, fato este que me levou a adotar uma nova filosofia de vida tornando me vegana; sentindo que assim posso colaborar atuando de fato a cada dia em minhas ações com a natureza que ao me ver necessita de compaixão e empatia do Mundo dentro do quadro atual em que os animais são tratados como mercadoria de consumo e resumidos em recursos naturais.” Também tiveram a oportunidade de “testar” o conhecimento aprendido da universidade, aplicando-o na prática e refletindo sobre os seus desafios. Conforme relatado pela bolsista Camila “(participar do desse projeto) me deu a oportunidade para ter experiências dentro da sala de aula enriquecedoras, com trabalhos interdisciplinares, aprendi novos conceitos, através de textos e reuniões para discussões e planejamentos de novas atividades, [...] realmente me iniciou para a docência.”. Dessa forma, conseguiram dialogar a teoria com a prática, fazendo com que o aprendizado se constituísse na própria práxis. Afinal, o objetivo da práxis não é chegarmos com uma verdade que transforme o outro, mas dialogarmos com o outro sobre o que acreditamos, de modo que possamos aprender com esse outro resultando em mudança interna na gente também.

Introduzir bolsistas PIBID na equipe DIAN foi de fundamental importância em nossos passos iniciais na caminhada por ampliar o diálogo, a participação e a transformação na parceria escola-universidade. Ao longo desse projeto temos buscado, cada vez mais, ampliar a parceria e o diálogo com as professoras e com a escola. A escolha de realizarmos as atividades ao lado da

comunidade que estudamos no segundo semestre de 2016 se deu por essa razão e foi acertada, pois pela facilidade de irmos à escola, pudemos estar presentes mais vezes. A ampliação da nossa presença na escola através da reunião das professoras com as bolsistas, bem como as ideias trazidas pela Ana Paula de ampliação da participação das crianças em nossas atividades foram essenciais para que o vínculo de nossa relação se estabelecesse de forma mais sólida e, assim, pudéssemos de fato ampliar o diálogo. Agora, temos como nosso próximo desafio, ampliarmos o contato com as famílias e a comunidade existente ao redor dessas escolas. Esses são os próximos passos que seguiremos dentro do PIBID em nosso projeto.

## Financiamento e apoio

Para esse projeto, articulamos três financiamentos principais: “Novos Talentos” da Capes/MEC<sup>6</sup> pela UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo), PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, da Capes/MEC<sup>7</sup>, pela USP Leste, e “Ações para o desenvolvimento integral na Primeira Infância”<sup>8</sup>, da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal com a USP. Além disso, contamos com estudantes bolsistas de graduação da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal de São Paulo e recursos do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, P. T. et al. Atividades investigativas da banca da ciência com livros infantis ilustrados: articulando o PIBID a projetos de extensão. In: PIETRI, E. et al. (Org.). **A cooperação universidade-escola para a formação inicial de professores: o PIBID na Universidade de São Paulo**. 1. ed. v. 1. São Paulo: Livraria da Física, 2015. p. 199-218.
- BALCOMBE, J. Animals & society courses: a growing trend in post-secondary education. **Society & Animals**, v. 7, n. 3, p. 229-240, 1999.
- BINGGIEBER, J.; WILHELM, C.; RANDLER, C. Attitudes toward animals among German children and adolescents. **Anthrozoos: a Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals**, v. 26, n. 3, p. 325-339, Sep. 2013.
- BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1977.
- BORGI, M.; CIRULLI, F. Attitudes toward animals among kindergarten children: species preferences. **Anthrozoos: A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals**, v. 28, n. 1, p. 45-59, Mar. 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- MORAIS, T. J. **Essa escola é o bicho!** Projeto desenvolvido em parceria com a Secretaria de Especial dos Direitos Animais da Prefeitura de Porto Alegre, 2016. Disponível em: <[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/seda/usu\\_doc/projetoessaescolaeobicho2016.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/seda/usu_doc/projetoessaescolaeobicho2016.pdf)> Acesso em: 05 out. 2017.

---

<sup>6</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Ministério da Educação. Informações disponíveis em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/novos-talentos>>.

<sup>7</sup> <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>.

<sup>8</sup> <<http://prceu.usp.br/editais/edital-primeira-infancia/>>.



PIASSI, L. P. C. **J.O.A.N.I.N.H.A. na pré-escola**: jogar, observar, aprender, narrar: investigando natureza, humanidades e artes. São Paulo: EACH, 2013. Projeto de Extensão Universitária submetido ao Edital Ações para o desenvolvimento integral na Primeira Infância da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP. Escola de Artes, Ciências de Humanidades.

PIASSI, L. P. C.; SANTOS, E. I.; VIEIRA, R. M. B. **Banca da ciência**: experiências na interface da comunicação científica itinerante com a escolarização regular. In: GIORDAN, Marcelo; CUNHA, M. B. (Org.). **Divulgação científica na sala de aula**: perspectivas e possibilidades. 1. ed. v. 1. Ijuí: Unijuí, 2015. p. 185-214.

PIASSI, L. P. C. et al. J.O.A.N.I.N.H.A. – as intervenções não-formais da “Banca da Ciência” para a primeira infância focadas nas diversidades e diferenças. In: FERREIRA, F. I, et al. (Org.). **Atas do II Seminário Luso-Brasileiro de Educação de Infância**: investigação, formação docente e culturas da infância. Santo Tirso: Whitebooks, 2016. Disponível em: <[https://docs.wixstatic.com/ugd/c875f7\\_bf7242c9db794fb7b6d2786954d30c35.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/c875f7_bf7242c9db794fb7b6d2786954d30c35.pdf)>.

RANDLER, C.; HUMMEL, E.; PROKOP, P. Practical work at school reduces disgust and fear of unpopular animals. **Society & Animals**, v. 20, n. 1, p. 61-74, 2012.

REIS, P. Da discussão à ação sociopolítica sobre controvérsias sócio-científicas: uma questão de cidadania. **Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista**, Santo Ângelo, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2013.